

COMO O EXÉRCITO DOS EUA ELABORA SUA DOCTRINA

Coronel Hertz Pires do Nascimento

O Coronel de Cavalaria Hertz é Aspirante da turma de 1985 da AMAN. Sua experiência profissional inclui a Missão das Nações Unidas de Estabilização no Haiti, onde chefiou a Seção de Assuntos Cíveis e Operações Psicológicas como integrante do BRABATT. Comandou o 7º RCMec – Santana do Livramento/RS e atualmente exerce a função de Oficial de Ligação do Exército Brasileiro junto ao Centro de Armas Combinadas (CAC) - Forte Leavenworth/Kansas, nos Estados Unidos da América. (e-mail: hertzpn@hotmail.com)



Nos últimos dez anos, tem sido notável a evolução da doutrina militar, particularmente a terrestre, em virtude da necessidade de se acompanhar a velocidade com que as ameaças buscam se adaptar para enfrentar a era do conhecimento e a tecnologia aplicada na solução

dos conflitos.

Nesse período, novos termos militares, e até mesmo antigos com nova roupagem, tais como comando de missão, operações terrestres unificadas, funções de combate, interagências, ameaças híbridas, contrainsurgência, entre outros, surgiram no vocabulário doutrinário do Exército dos Estados Unidos da América (EUA) em decorrência, particularmente, das lições aprendidas nas guerras no Iraque e no Afeganistão.

O termo incerteza é o que mais adjetiva o ambiente operacional atual e, principalmente, o futuro. Entretanto, parece haver um consenso entre aqueles que lidam com o tema defesa de que o combate nessa neblina será mais vantajoso para uma Força treinada para ações de propósitos gerais e específicos, em qualquer lugar, e no amplo espectro de missões. E para qualificar essa Força é necessário aplicar uma doutrina, a instrução formal e um intenso adestramento.

O adestramento da tropa conduzido com base

Foto: Sgt Ken Bergmann, Força Aérea dos EUA



Militar norte-americano, integrante do 3º Grupo de Forças Especiais, treinando um militar do Exército do Mali.



O Exército dos EUA considera um ambiente multinacional de Forças militares essencial para a vitória contra as ameaças híbridas do combate moderno.

em uma doutrina visa a fazer frente a questões previsíveis. Por outro lado, a capacidade de uma força para solucionar o imprevisível depende da preparação intelectual e do desenvolvimento de cenários nas escolas militares de nível doutorado ou nos cursos de política e estratégia oferecidos pela Pasta da Defesa ou respectivas instituições militares.

Adaptar significa ajustar (uma coisa à outra), de acordo com os dicionários da língua portuguesa. A “coisa” aqui pode ser representada pela doutrina, ou seja, princípios que balizam o preparo e emprego de uma força terrestre. Mas como ela surge? Como ela se atualiza? Existe um momento para isso? Decorre da necessidade de enfrentar uma ameaça específica? Depende da disponibilidade de recursos financeiros? Com o propósito de ampliar a discussão sobre tais questionamentos, e considerando o momento em que o Estado-Maior do Exército realiza um intenso esforço para atualizar a doutrina da Força Terrestre Brasileira, o presente artigo pretende esclarecer como o Exército dos Estados Unidos da América elabora a sua doutrina, destacando a sua visão mais recente, e que lições podem ser extraídas como referência para o Exército Brasileiro.

A CULTURA DE LIÇÕES APRENDIDAS NA ÁREA DE DEFESA

O Exército Norte-Americano trabalha com o conceito de lições aprendidas há mais de 25 anos. O Centro de Lições Aprendidas do Exército (*Center for Army Lessons Learned-CALL*) é um órgão subordinado ao Centro de Armas Combinadas (*Combined Arms Center-CAC*), localizado no Forte Leavenworth, estado do Kansas. A missão do *CALL* é “coletar, analisar, disseminar e arquivar lições e melhores práticas, em todos os níveis da guerra, para facilitar a rápida adaptação e a tomada de decisão”.¹

Atualmente, o *CALL* conta com cerca de 130 integrantes, a grande maioria de militares da reserva reconvocados para trabalhar nessa tarefa específica. O interior de suas instalações funciona como um grande fórum de discussões para o qual qualquer militar ou funcionário civil do Exército pode solicitar uma solução para determinada questão. Emprega oficiais de ligação (O Lig) nos centros de treinamento da Força e designa equipes de observadores para acompanhar os conflitos em curso (Iraque e Afeganistão). Sua mais recente presença se faz no continente africano onde uma brigada, denominada Força Regionalmente Alinhada², desenvolve novas e fortalece antigas

parcerias por meio do treinamento e assessoria militar junto às forças armadas de países aliados daquela região.

Os integrantes do *CALL* reconhecem que lidar com a atividade é uma tarefa difícil, que requer persistência, e deve contar com um forte apoio do alto escalão operacional de uma força, além de campanhas para estimular os subordinados a dividirem suas experiências. As principais razões para a existência de um órgão desse tipo são:

- funcionar como um local central para facilitar a pesquisa sobre lições aprendidas;
- diminuir ou evitar desperdícios por disponibilizar casos de sucesso na solução de questões já enfrentadas por outras unidades; e
- reduzir o risco da repetição do erro.

Cabe ressaltar que uma lição somente é considerada como lição aprendida quando se observa uma mudança de comportamento. Obviamente, essa mudança deve ser positiva e aumentar o desempenho de determinado aspecto funcional.

A sequência abaixo ilustra o processo de lições aprendidas adotado pelo Exército dos EUA:

1ª Fase - COLETA

- Realizada durante os exercícios militares, operações em curso, fóruns profissionais e outras atividades. É a tarefa mais crítica de todo o processo.

- Identifica as questões, *gaps* e as mudanças no ambiente operacional.

- Os dados não devem ser coletados com o intuito de avaliar uma unidade e sim ajudá-la em determinada questão. A percepção de que um programa de lições aprendidas é um avaliador irá inibir a vontade de dividir os problemas militares enfrentados por uma unidade.

- A análise pós-ação é uma das principais fontes de coleta de lições aprendidas.

2ª Fase - ANÁLISE

- Significa examinar o dado coletado e entender o porquê ou o que contribui para a

necessidade de aperfeiçoamento da unidade.

- É realizada em três etapas: 1ª- validar uma observação; 2ª- analisar a observação; e 3ª- propor correções.

- É desejável que na análise seja indicada a unidade que ficará responsável por conduzir a correção da questão, bem como apontados os efeitos e impactos caso as correções não sejam implementadas.

- Esta é a fase na qual as correções, para serem validadas como lição aprendida, devem ser expostas aos efeitos resultantes nos seguintes domínios: doutrina, organização, treinamento, equipamento, liderança, pessoal e instalações.

3ª Fase - DISSEMINAÇÃO

- É a fase da divulgação da lição aprendida.

- Deve-se identificar se o conhecimento é urgente (pode salvar vidas) e como deve ser transferido aos interessados.

- O *CALL* considera que a disseminação imediata deve ser feita num prazo de até cinco dias. A urgente dentro de 30 dias e a de rotina de 3 a 6 meses.

- A disseminação pode ser feita por meio de mensagens, *handbooks*, boletins periódicos, *newsletter*, artigos, estudo especial, relatório de observação ou mesmo um vídeo.

4ª Fase - ARQUIVO

- É a capacidade de arquivar o conhecimento, a melhor prática ou a lição aprendida.

- Pode ser feito de forma impressa ou digital e deverá ficar acessível para posterior consulta.

Qualquer militar norte-americano em operações pode redigir um artigo e divulgar no *website* do *CALL*. Essa capacidade é denominada *News from the Front* (notícias da frente de combate, em tradução livre). 90% das lições aprendidas processadas pelo *CALL* são de nível tático e cerca de 10% nível operacional. O *CALL*

é muito acionado quando da elaboração de um novo manual doutrinário pela quantidade de conhecimento acumulado em seus 25 anos de atividade.

O Exército da Austrália adota uma medida

“Uma lição somente é considerada aprendida quando se observa uma mudança positiva de comportamento, aumentando o desempenho funcional”

interessante destinada a incentivar a divulgação do conhecimento. Antes da partida para uma missão de longo prazo no exterior, os militares australianos recebem orientações de como acessar o Centro de Lições Aprendidas do Exército e como colaborar com o programa. Muitas vezes, a falta de conhecimento sobre a facilidade desse processo e os benefícios para a instituição dificultam a coleta de observações ou mesmo não estimulam o indivíduo a divulgar sua experiência profissional tácita.

Exemplos de lições aprendidas nos níveis operacional e estratégico estão disponíveis no documento elaborado pelo Centro Conjunto de Análise Operacional, intitulado “Década de Guerra: lições consistentes dos últimos dez anos em operações”³, datado de 15 de junho de 2012. Nele são analisados 11 valiosos ensinamentos, resultado de um autoexame, uma análise pós-ação dos conflitos no Iraque e no Afeganistão, nos quais os EUA reconhecem os erros de governo e da pasta de Defesa em aplicar uma estratégia e o poder militar contra uma ameaça totalmente inesperada e num ambiente operacional muito pouco conhecido.

A análise buscou responder a três simples questionamentos: O que realmente aconteceu? Por quê? O que isso significa?

As 11 lições identificadas foram as seguintes:

1º - Houve falha em reconhecer, admitir e precisamente definir o **ambiente operacional**, o que provocou incompatibilidade entre forças, capacidades, missões e objetivos.

2º - A aplicação da **doutrina convencional** em operações de não guerra forçou os comandantes a realinharem os modos e os meios para se atingir os efeitos desejados.

3º - Os EUA foram lentos em reconhecer a importância da informação e da **batalha pela narrativa dos fatos**. Não foram efetivos em empregar e alinhar a narrativa dos objetivos e os fins desejados.

4º - Houve falha de planejamento e identificação dos momentos estratégicos e operacionais para realizar as **transições**, colocando em risco o cumprimento da missão estabelecida.

5º - As diretrizes, doutrina, treinamento e equipamentos frequentemente não se ajustavam

às operações não guerra, forçando uma ampla e custosa **adaptação**.

6º - Ocorreram erros na **integração** entre a tropa convencional e as forças de operações especiais, perdendo-se o efeito de força multiplicador para ambas.

7º - A **coordenação interagências** foi inconsistente pela falta de integração de planejamentos, treinamento e operações. Diferentes culturas organizacionais, falta de recursos e lacunas nas políticas de cada agência também contribuíram para dificultar a unidade de esforços.

8º - Estabelecer e manter a unidade de esforços entre os **parceiros de uma coalizão internacional** representam um desafio devido aos interesses nacionais concorrentes, culturas, recursos e políticas específicas de cada nação integrante.

9º - As **parcerias com os governos** estabelecidos após a derrota dos regimes anteriores no Iraque e no Afeganistão nem sempre foram abordadas efetivamente, adequadamente priorizadas ou dotadas de recursos.

10º - Outros Estados patrocinaram e exploraram “agentes” e “intermediários” (*proxies*) para criar **desafios assimétricos**.

11º - Ocorreu uma ampla **exploração da tecnologia globalizada e da informação** por indivíduos ou pequenos grupos para aumentar sua influência e aproximar-se de uma capacidade quase estatal de gerar desordem e rupturas.

Esse relatório não só apresenta os problemas identificados na condução dos dois conflitos como também contém recomendações para a Força Conjunta, fator essencial para um programa de lições aprendidas.

A DINÂMICA DA DOCTRINA DO EXÉRCITO DOS EUA

O Exército dos EUA define doutrina como “Princípios fundamentais pelos quais as forças militares ou seus elementos integrantes guiam suas ações em apoio à conquista dos objetivos nacionais. É impositiva, porém requer julgamento na sua aplicação.”⁴ A evolução de sua doutrina, a partir de 1976 e sua projeção para 2015, pode ser comparada a seguir, considerando faixas de tempo para facilitar o entendimento:

1976-1982	Conceito Operacional	Defesa Ativa
	Ambiente Operacional Esperado	Europa Central
	Características da doutrina	<ul style="list-style-type: none"> - Enfatizava a vitória na primeira batalha, por meio da manobra defensiva, face à ameaça das modernas forças blindadas da URSS. - Empregava forças de cobertura na fronteira entre as duas Alemanhas para emassar o inimigo, tornando-o mais vulnerável ao poder de fogo, definir sua intenção e ganhar tempo para ocupar a posição defensiva. - Considerava a defesa em três áreas: área da força de cobertura, área principal de defesa e área de retaguarda. <p>Nas operações ofensivas:</p> <ul style="list-style-type: none"> - O eixo de progressão substituía a zona de ação como medida de coordenação e controle para facilitar a flexibilidade. - O envolvimento era a forma preferencial de manobra tática ofensiva.
1982-1993	Conceito Operacional	Batalha Ar-Terra
	Ambiente Operacional Esperado	Embora ainda focando o Pacto de Varsóvia na Espanha Central, o conceito abrangia também o emprego em outras regiões do globo.
	Característica da doutrina	<ul style="list-style-type: none"> - Introduzia o termo nível operacional - Orientada para o combate ofensivo. - Integrava as forças singulares para a conquista de objetivos estratégicos, destacando o emprego conjunto. - Enfatizava a conquista e manutenção da iniciativa para impor a vontade sobre o inimigo, partindo de uma direção inesperada com uma ação forte e rápido aproveitamento do êxito para não permitir a reorganização . - Incluía o termo centro de gravidade. - Utilizava a expressão espectro do conflito (convencional, média intensidade e baixa intensidade).
	Aplicação	A Operação Tempestade do Deserto (1991) ofereceu uma rara oportunidade para o Exército dos EUA testar a doutrina e a organização de suas forças contra uma ameaça já esperada.

1993-2001	Conceito Operacional	Embora não explícito, o que mais se identificava era o termo Operações de Dimensão Completa (<i>Full Dimension Operations</i>)
	Ambiente Operacional Esperado	Em todo o globo
	Característica da doutrina	<ul style="list-style-type: none"> -Mantinha a maioria dos conceitos da batalha ar-terra. -Enfatizava a manobra ofensiva. -Instituiu os chamados sistemas operacionais (inteligência, manobra, apoio de fogo, defesa aérea, mobilidade e contramobilidade, logística e comando e controle). -Instituiu o termo comando de batalha (1993), que centrava o foco na pessoa do comandante e não no seu estado-maior. -Substituiu o termo operações baixa intensidade por operações de não guerra e as colocava no mesmo patamar de importância da defensiva e ofensiva. -A doutrina alertava que o futuro da guerra seria nos grandes centros urbanos.
2001-2011	Conceito Operacional	Operações no Amplo Espectro
	Ambiente Operacional Esperado	Complexo e em todo o globo
	Característica da doutrina	<ul style="list-style-type: none"> -Era a combinação de ações ofensivas, defensivas, de estabilização⁵ (em 2008 substituiu o termo operações de não guerra) e de apoio às autoridades civis (em território americano), simultaneamente, como parte de uma força conjunta. As operações de estabilidade foram colocadas no mesmo nível de importância da ofensiva e defensiva. -Enfatizava a sincronização das ações letais e não letais. -Em 2008, os sistemas operacionais do campo de batalha são substituídos por funções de combate (comando de missão, movimento e manobra, fogos, logística, proteção e inteligência) para melhor alinhar a doutrina do Exército com a dos Fuzileiros Navais. -Em 2009, o termo comando e controle foi substituído por comando de missão, buscando reconhecer como central a pessoa do comandante e não as tecnologias colocadas à sua disposição para conduzir as operações.⁶

	Característica da doutrina	-Estabelecia: <ul style="list-style-type: none"> • vitória pela ofensiva. • iniciar o combate impondo os termos ao inimigo. • criar o “momento” rapidamente. • vencer decisivamente.
	Consequência	Em 2009, o Exército reconheceu que se encontrava “fora de equilíbrio” por estar dedicando o inteiro adestramento da Força somente para as operações de contrainsurgência. ⁷
	Conceito Operacional	Operações Terrestres Unificadas
	Ambiente Operacional Esperado	Completo e em todo o globo
2011-2015	Característica da doutrina	-Enfatiza a conquista e manutenção da iniciativa de forma permanente. -Busca o equilíbrio entre as ações de combate (ofensiva e defensiva) e as tarefas de estabilização, ou seja, tarefas letais e não letais. -Representa a combinação da doutrina Ar-Terra (FM 100-5, edição 1993) com as Operações no Espectro Completo (FM 30, edição 2001). -O Exército opera como membro de uma força conjunta, interagência ou coalizão internacional em completa integração. -Apresenta três termos essenciais: A letalidade , como capacidade para pronta resposta em qualquer situação, diferindo o Exército de uma agência governamental; a manobra das armas combinadas ; e a segurança de ampla áreas .

Após a leitura do quadro acima, é interessante relacionar algumas conclusões apresentadas pelo major Robert A. Doghty, do Exército dos EUA, contidas no trabalho intitulado “A Evolução da Doutrina Tática no Exército dos Estados Unidos, 1946-76”⁸, no qual o autor apresenta algumas considerações interessantes acerca da sequência de mudanças na doutrina vividas pelo Exército norte-americano no período considerado:

1º - A falta de preparo do Exército [entre 1956 e 1959] ilustrava o perigo do conceito estratégico ditando a promoção de rápidas mudanças na doutrina e nas organizações militares, sem considerar as capacidades técnica e intelectual para acompanhar a sua evolução. Em resumo, a

tecnologia existente na Força era ultrapassada para atender à doutrina e os conceitos estratégicos seguiam bem distantes das realidades táticas.

2º - A doutrina não pode promover o impossível. Ela pode somente prover orientações para a ação. Não pode oferecer respostas finais.

3º - Aqueles que escrevem a doutrina não podem imaginar todas as situações possíveis; e aqueles que combatem não podem esperar que lembrarão de todas as respostas possíveis. Nesse sentido, muitas mudanças doutrinárias ou o excesso de doutrina podem enfraquecer o entendimento do soldado e afetar a sua confiança na mesma. Quando isso ocorre, ela deixa de cumprir o seu mais importante propósito

O PROCESSO DE ELABORAÇÃO DA DOCTRINA NO EXÉRCITO DOS EUA

O Centro de Armas Combinadas (CAC), subordinado ao Comando de Doutrina e Treinamento do Exército (*United States Army Training and Doctrine Command - TRADOC*), é o órgão central responsável pela elaboração e revisão doutrinária do Exército dos EUA. Em sua estrutura se insere a Diretoria de Doutrina das Armas Combinadas (*Combined Arms Doctrine Directorate - CADD*), que é a proponente doutrinária e revisora das propostas de doutrina

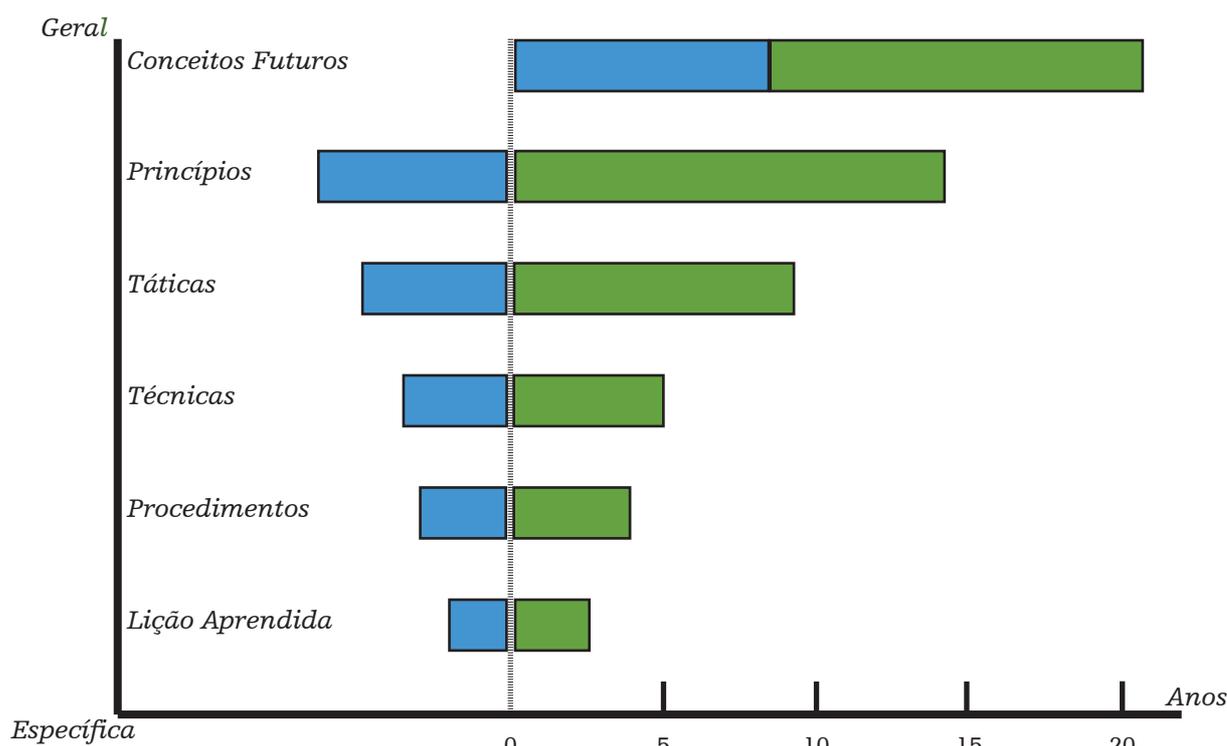
encaminhadas pelos centros de excelência (comando de missão, movimento e manobra, fogos, logística, proteção e inteligência). A ela cabe ainda a integração da doutrina do Exército com a doutrina conjunta e da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN). A CADD também recebe a incumbência de conduzir estudos, com base em conceitos identificados pelo TRADOC, para a implantação ou não na doutrina da Força. O processo de elaboração da doutrina pela CADD é dividido em quatro fases, conforme a figura a seguir:



Um exemplo de avaliação de conceito atualmente em curso no Centro de Armas Combinadas se refere a uma nova proposta de posto de comando (PC). Com a aproximação do fim da presença militar norte-americana no Afeganistão (anunciado para 2014), o foco principal do adestramento deverá migrar para as operações ofensivas. Considerando que nas operações de estabilização o PC ocupa uma instalação fixa, o que se busca agora é identificar a melhor opção em termos de capacidade para a condução do Comando e Controle em deslocamento. Cada solução apresentada pela

indústria de material de defesa é estudada com base na integração necessária e nos efeitos que irão provocar na doutrina, organização, adestramento, material, liderança, pessoal e instalações.

De acordo com a experiência do CALL e confirmando que o vocabulário doutrinário está sempre sujeito a atualizações, existe uma média de tempo em termos de prazo de desenvolvimento e vigência de alguns conhecimentos militares. O gráfico⁹ a seguir apresenta uma estimativa de duração do desenvolvimento e de vida útil para cada conhecimento:



O DESAFIO DE ACERTAR O FUTURO

Os militares norte-americanos reconhecem que, após a 2ª Guerra Mundial, o Exército dos EUA enfrentou os conflitos seguintes despreparado para o ambiente encontrado. À exceção da 1ª Guerra do Golfo (1991), nos demais conflitos seus militares entraram em outro país prontos para um combate convencional, mas encontraram uma guerrilha ou uma insurgência; esperavam um tipo de terreno europeu, mas combateram em selvas ou em montanhas desérticas.

O ano de 2006 é emblemático nesse aspecto, momento em que os EUA passaram a ver como inevitável mais uma derrota, dessa vez no Iraque. Treinados para o combate convencional e incapazes de entender as transições, os militares americanos assistiam ao aumento das ações coordenadas pela insurgência sem exercerem uma ação efetiva que pudesse garantir a segurança e a conquista do apoio da população local.

No final de 2005, o General David H. Petraus, ao retornar do Iraque para assumir o Comando do Centro de Armas Combinadas, levou a termo a elaboração de um manual de contrainsurgência para adotar essa doutrina como prioridade número um no treinamento da Força. Em dezembro de 2006, o Manual de Campanha 3-24

- Contrainsurgência ficou pronto, após um intenso trabalho realizado por militares, integrantes de órgãos governamentais, mídia e Organizações Não Governamentais (ONG). O referido manual foi baixado mais de 1.5 milhão de vezes apenas no primeiro mês após ser disponibilizado no *website* do CAC e dos *Marines*. Cópias desse documento foram também encontradas nos campos de treinamento talibã no Paquistão.¹⁰

O impacto na doutrina foi significativo. Os verbos “aprender e adaptar” foram altamente ressaltados. A ênfase para as atividades não militares e direcionadas às organizações civis e órgãos do governo foi considerada essencial para o sucesso da unidade de esforços. A área de inteligência, substituindo na contrainsurgência o poder de fogo empregado nas operações convencionais como determinante para a vitória, passou a trabalhar na localização e identificação de insurgentes apoiados pela população local. A mudança da doutrina para uma abordagem estratégica mais ampla permitiu aos EUA saírem de um conflito que havia se complicado em excesso para uma situação mais confortável no que se refere ao campo militar¹¹.

Em uma entrevista pessoal com o Coronel R/1 Clinton J. Ancker, Diretor de Doutrina do

CAC, foi mencionado que, embora o Exército dos EUA esteja sempre pensando o futuro do combate terrestre, tem sido comum o reconhecimento do despreparo da Força para a próxima batalha. Sua resposta foi a seguinte: “Vou lhe afirmar com toda a franqueza e experiência que é praticamente impossível prever um futuro muito distante! Eu vivenciei um planejamento em que se visualizava o futuro do combate terrestre dez anos à frente e, quando completado este tempo, nada conferiu, desde a nossa organização, as ameaças e o próprio armamento que adquirimos para tal.”

Perguntado ainda como ele visualizava o preparo da Força diante da incerteza do ambiente operacional sua resposta foi: “Você não consegue ter um Exército preparado para todos os tipos de operações. Defendo que um Exército precisa de organização, uma doutrina, um sistema de comando e controle flexível e um sistema de instrução para a preparação dos quadros. É essencial que as possíveis condutas operacionais estejam registradas em algum manual. Tudo isso reunido gera capacidade de adaptação, fundamental na atualidade.”

Durante uma apresentação do CAC-Treinamento, órgão que coordena o adestramento do Exército dos EUA, também foi perguntado ao palestrante sobre o futuro do adestramento. Sua resposta: “Como é difícil definir o ambiente operacional do futuro, o desafio é a geração de Forças, em apenas nove meses, treinadas em Ofensiva, Defensiva e Operações de Estabilização.

Não podemos incorrer no mesmo erro de não treinarmos mais o combate contra a insurgência. A ameaça atual é híbrida.”

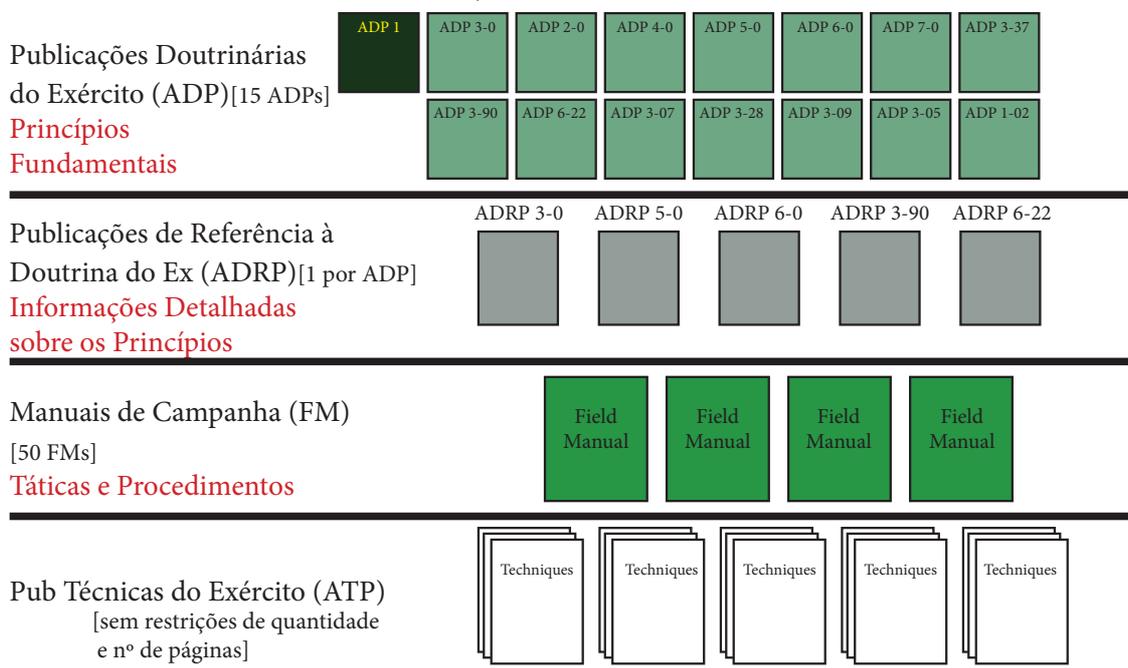
A DOCTRINA 2015

A doutrina corrente do Exército dos EUA está consolidada em uma série de publicações identificada por Doutrina 2015. Representa, nas palavras do General Odierno, Chefe do Estado-Maior do Exército dos EUA, “como a Força visualiza seu curso, define o ambiente estratégico esperado e estabelece as bases para o seu emprego.”

As publicações estão divididas em três partes. A primeira é chamada de *Army Doctrine Publication (ADP)*. São 15 livretos (limitados a 10 páginas cada) contendo princípios fundamentais. Para cada ADP existe uma *Army Doctrine Reference Publication (ADRP)* correspondente, com no máximo 100 páginas cada, que detalha os princípios fundamentais. Os *Field Manuals (FM)*, Manuais de Campanha, serão reduzidos a apenas 50, cada um contendo 200 páginas no máximo. As ADP e ADRP estão finalizadas e espera-se para o final de 2013 a conclusão de todos os FM. Existem ainda as chamadas Publicações Técnicas (*Army Techniques Publications*), que não apresentam restrições em termos de tipo ou número de páginas.

A doutrina atual está disponível na internet¹². O objetivo dessa iniciativa é primeiro facilitar a consulta pelo próprio soldado americano em operações ou em treinamento por meio do seu

Projeto Doutrina 2015



telefone pessoal, laptop ou tablet. Existe um senso comum de que o militar norte-americano não lê os manuais doutrinários e o que se busca é mudar essa cultura. Um outro objetivo é o de facilitar a consulta pelos parceiros da coalizão internacional em operações no Afeganistão e demais países aliados. Ressalta-se que essa decisão foi questionada porque os manuais também serão acessados por potenciais adversários dos EUA. Entretanto a posição da Chefia do Estado-Maior é de que em benefício do próprio soldado norte-americano vale a pena correr esse risco.

O conceito operacional em vigor é chamado de Operações Terrestres Unificadas¹³. É fruto da consolidação das lições aprendidas dos conceitos Batalha Ar-Terra (1982-1993) e das Operações no Amplo Espectro (2001-2011), particularmente no que refere à iniciativa, às operações conjuntas, às relações com parceiros de uma coalizão internacional e às operações interagências. Embora reconhecendo estas últimas como essenciais, é fato que as agências de governo não possuem meios orgânicos de transporte nem recursos diversos e não são treinadas para tarefas expedicionárias.

Comando de missão é a expressão empregada em sentido mais amplo que comando e controle na condução das operações terrestres unificadas. Pode ser resumida na soma comando e controle + filosofia de comando de missão. Comando e controle é disponibilizado pela ciência; a filosofia inspira a arte de comandar. A ênfase está na figura do comandante e não na tecnologia colocada à sua disposição para o exercício de sua autoridade. O foco muda da unidade de comando para a unidade de esforços ou unidade de propósitos, sempre reconhecendo a realidade das diferentes perspectivas dos parceiros, autoridades e objetivos.

Dois termos são considerados competências essenciais para o conceito operações terrestres unificadas: **letalidade** e **iniciativa**. A letalidade, disponível na composição das forças, assegura a credibilidade da tropa nas operações, diferindo-a de qualquer outra agência governamental. O emprego das armas combinadas garante a iniciativa em todas as operações, enquanto a segurança de amplas áreas (*wide area security*) destina-se a negar a iniciativa ao inimigo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A doutrina se adapta para respeitar as lições aprendidas, que em síntese se transformam num valioso banco de dados profissionais para alimentar a sua própria evolução. Quando se começa do zero é muito mais difícil. E os manuais também servem para preservar o vocabulário da profissão militar. Por outro lado, é necessário entender que a adaptação leva tempo e oferece oportunidades para o inimigo explorar as vulnerabilidades durante esse período sensível. A doutrina do Exército dos EUA está em constante evolução. Para tanto, seus formuladores levam em consideração novos conceitos, experimentações já validadas, a existência de fundos para definir o tamanho da Força e respectiva quantidade de equipamentos, as ameaças correntes do ambiente internacional, as mudanças na doutrina conjunta e multinacional, as novas organizações militares, o emprego de novas tecnologias e, fundamentalmente, as experiências retiradas do terreno e codificadas como lições aprendidas.

Ao disponibilizar a sua forma de combater na rede mundial de computadores, o Exército norte-americano facilita a seus potenciais parceiros o entendimento de como ele opera. Sua doutrina estabelece um guia de referência, inspira uma perspectiva cultural comum e oferece ferramentas intelectuais úteis para a solução de problemas militares. O Exército Brasileiro tem sido hábil em adotar muitos de seus conceitos e vocabulário, sempre respeitando a nossa realidade econômica, prioridades e limitações. A doutrina convencional americana tem sido ao longo do tempo um valioso guia para nossos manuais e algumas das ideias contidas no manual de Operações de Estabilização (*ADRP 3-07*), desde que analisadas com judicioso critério, podem servir de referência para a nossa doutrina de Pacificação e de Força de Paz.

Para o Tenente-Coronel Zacarias Hernández Calvo¹⁴, do Exército da Espanha, nenhuma mudança doutrinária surge do nada. Os conhecimentos já estavam presentes, porém desorganizados. O desafio está em redescobri-los e integrá-los em uma nova fonte, solicitar uma avaliação de outros setores da Força, aceitar ou recusar as sugestões, aprovar, disseminar e preparar-se para as “reticências” que sempre existirão. E o centro propulsor está num grupo de pessoas especialmente selecionado para esse fim.



“O Exército dos EUA está ampliando o intercâmbio com órgãos governamentais, durante o curso de comando e estado-maior, para corrigir as deficiências identificadas no trabalho interagências no Iraque e no Afeganistão.”

NOTAS

1. Disponível em <http://usacac.army.mil/cac2/call/mission.asp>, acessado em 15 de outubro de 2013.
2. Forças Regionalmente Alinhadas é um conceito que entrou em vigor pela primeira vez no mês de Mar 13, quando a 2ª Bda/1ª Div Inf iniciou suas atividades no continente africano. As Brigadas com esse título destinam-se a constituir uma força de contingência sob controle dos Comandos Combatentes Unificados. São treinadas levando-se em consideração os aspectos culturais e linguísticos da região onde estão previstas para atuar e destinam-se a fortalecer os laços de amizade e cooperação militar nos países onde operam. São um vetor de atuação coerente com a Estratégia Nacional de Defesa dos EUA.
3. Utilize o endereço a seguir no Google ou Bing. O primeiro documento que aparece é o referenciado: <http://blogs.defensenews.com/saxotech-access/pdfs/decade-of-war-lessons-learned.pdf>. Acessado em 13 de setembro de 2013.
4. ESTADOS UNIDOS. Army Doctrine Publication (ADP) 1-02, agosto de 2012– Termos operacionais e símbolos militares. Glossário -1.
5. ESTADOS UNIDOS. Army Doctrine Publication (ADP) 3-07 - Operação de Estabilização tem por objetivo criar condições para que a população local se refira à situação vivida por seu país como legítima, aceitável e previsível. As condições se referem ao nível de violência, ao funcionamento das instituições governamentais, econômicas e sociais, e à adesão geral às leis locais, regras e normas de comportamento.
6. ANCKER III, Clinton J. A. Evolução do Conceito Comando de Missão na Doutrina do Exército dos EUA. *Military Review*, Edição Brasileira, Jul/Ago 2013, p 84. Disponível em <http://militaryreview.army.mil>
7. BENSON, Bill. *The Evolution of Army Doctrine for Success in the 21st Century*. *Military Review - Mission Command Symposium (Special Edition)*, June 2012, p 54. Disponível em <http://militaryreview.army.mil>
8. DOUGHTY, Robert A. *The Evolution of US Army Tactical Doctrine, 1946-1976*, p 19,49,50. Disponível em <http://143.84.167.79/cac2/cgsc/carl/download/csipubs/doughty.pdf> Acessado em 09 de dezembro de 2013.
9. Palestra de título “Doutrina e Treinamento” apresentada no Centro de Lições Aprendidas do Exército dos EUA em 21 de setembro de 2012.
10. NAGL, John A. Prefácio do manual de campanha 3-24-Contrainsurgência para a Universidade de Chicago. *The Universidade of Chicago Press* 2007, p. xvii.
11. CALVO, Zacarias H. Ejércitos em Combate. *Quando La Doctrina Importa*. *Revista Ejército de tierra español*, Nº 841, Mai 2011, p.28.
12. Pode ser consultada no título Army Doctrine, localizado na coluna da direita do seguinte website: www.leavenworth.army.mil. Ao abrir uma página com o título Doctrine, selecione Current Doctrine. Aparecerá um mapa contendo uma linha identificada por Doctrine and Training. Nesse setor estão os Army Doctrine Publication (ADP), os Army Doctrine Reference Publication (ADRP) e os Field Manual (FM).
13. ESTADOS UNIDOS. O Army Doctrine Reference Publication (ADRP) 3-0 - Unified Land Operations (Operações Terrestres Unificadas) descreve como o Exército conquista, mantém e explora a iniciativa para obter uma relativa posição de vantagem nas operações terrestres, por meio de ações ofensivas, defensivas e de estabilização, com o objetivo de prevenir, impedir e prevalecer num conflito para criar condições para a solução do mesmo.
14. CALVO, Zacarias H. Ejércitos em Combate. *Quando La Doctrina Importa*. *Revista Ejército de tierra español*, Nº 841, Mai 20, p. 28.